

Quintino Lopes. *Uma Periferia Global. Armando de Lacerda e o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra (1936-1979)*.

Lisboa: Caleidoscópio. 2020. 176 pp.

ISBN: 978-989-658-698-0

João Veloso

jveloso@letras.up.pt; joaoveloso@um.edu.mo

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)*

*Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

*Universidade de Macau – Departamento de Português (Macau, China)*

1

Este livro celebra e homenageia a obra científica de Armando de Lacerda (1902-1984), o fundador da fonética experimental em Portugal.

A sua publicação não teria sido possível se não contássemos com o grande entusiasmo e o louvável interesse do seu autor, Quintino Lopes, por um tema e uma época muito específicos da história recente da Ciência e da Universidade em Portugal: o que era, como era verdadeiramente feita, a investigação científica nas universidades e através de outras instituições nacionais entre as décadas de 1930 e 1960? De facto, já na sua tese de doutoramento (Lopes 2017a) e noutras publicações (Lopes 2017b; 2018; Lopes & Pereira 2022), bem como através da sua participação ativa em projetos relacionados com a história da atividade científica nacional durante o regime fascista, o autor deste livro, em conjunto com investigadores sobretudo da Universidade de Évora e do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, tem prestado um contributo fundamental para o conhecimento dessa realidade nessas décadas particulares da História de Portugal.

Do interesse mais geral do autor sobre os modos de fazer ciência em Portugal no período que antecedeu o 25 de Abril, acabaria por se destacar de modo mais visível o interesse específico pelo percurso ímpar de Armando de Lacerda. Graças em grande parte a este interesse mais específico de Quintino Lopes pela vida e obra de Lacerda, dispomos hoje deste livro, e da sua edição internacional patrocinada pela Real Academia

das Ciências da Suécia<sup>1</sup>, assim como lhe devemos a organização de várias sessões e conferências sobre o precioso contributo de Lacerda para o estabelecimento da fonética experimental em Portugal e para o seu desenvolvimento científico a nível mundial.

O livro conta com oito capítulos centrais (“Partes”) escritos pelo autor e dedicados, cada qual, a um aspeto particular da vida e obra de Armando de Lacerda: I, “Um pioneiro da Fonética Experimental” (pp. 31-39); II, “«Os portugueses [...] possuem o melhor estabelecimento para os estudos de fonética que [...] existe na Europa: o de Coimbra»” (pp. 41-51); III, “Para além da «excelência científica na periferia»” (pp. 53-69); IV, “A internacionalização da escola de investigação de Armando de Lacerda” (pp. 71-95); V, “Outros itinerários e redes de comunicação em ciência” (pp. 97-113); VI, “O território rural como laboratório” (pp. 115-123); VII, “*Ethos* científico” (pp. 125-131); VIII, “Resistência, resiliência, ressentimento e (o apagar da) memória” (pp. 133-139). Estes capítulos são antecedidos por quatro textos introdutórios: “Fonética Experimental, Linguística e Engenharia nos anos de 1930”, um interessante ensaio de Francisco de Lacerda, da Universidade de Estocolmo, que nos ajuda a perceber a dimensão fora do comum do contributo do investigador de Coimbra para os avanços científicos da fonética experimental no século XX (pp. 9-16); “Laboratórios, materialidades e História da Ciência”, de autoria de Maria de Fátima Nunes, que contextualiza esta obra no âmbito mais geral da pesquisa documental sobre a História da Ciência em Portugal (pp. 17-19); “Na inversão da rota do esquecimento”, testemunho pessoal e intelectual de um descendente de A. de Lacerda, o seu neto Paulo de Lacerda (pp. 21-25); e uma “Introdução” (pp. 27-29) assinada pelo próprio autor do livro. O volume fecha com um “Epílogo” (pp. 141-143), uma lista de “Agradecimentos” (pp. 145-146), uma secção de “Notas” (pp. 147-153), as “Fontes e Referências” (pp. 155-164), os “Créditos das Imagens” (pp. 165-168) e o “Índice Remissivo” (pp. 169-174). Nas epígrafes que abrem a publicação (p. 7), encontramos citações de três foneticistas eminentes de meados do século passado que atestam a grandeza do legado científico e intelectual da figura central do livro: Francis M. Rogers (Universidade de Harvard), Pierre Van Bever [Bélgica] e Göran Hammarström (Universidade de Uppsala).

---

<sup>1</sup> Lopes, Q. 2023. *The Global Periphery. Armando de Lacerda and the Coimbra Experimental Phonetics Laboratory (1936-1979)*. Stockholm: Center for History of Science/The Royal Swedish Academy of Sciences.

Um aspeto que contribui para o extremo interesse deste livro é a quantidade – e a qualidade – das imagens que reproduzem fotografias, documentos, cartas, cartazes, anúncios, notícias da imprensa e outros elementos que ilustram praticamente todas as páginas. Estes testemunhos visuais, a par dos textos que encontramos nos diversos capítulos, deixam-nos uma memória verdadeiramente singular do percurso de uma carreira científica que, atendendo às circunstâncias *periféricas* de que foi rodeada, conseguiu projetar-se *globalmente* de forma verdadeiramente única no seu tempo.

## 2

A publicação deste livro poderá permitir que a atual geração universitária portuguesa consiga construir uma imagem mais informada do país em que A. de Lacerda se afirmou como um cientista de referência internacional e da ilha de atualização científica que o Laboratório de Coimbra por ele criado representou nesse mesmo país. Portugal não tinha, então, o número de universidades e laboratórios de que hoje dispõe. As universidades, que recebiam quase só uma percentagem ínfima de jovens socialmente pouco diversificados, formavam quadros para o exercício de profissões qualificadas (a medicina, as engenharias, o ensino, as profissões jurídicas, ...), mas não acolhiam centros de investigação avançada como os que, já então noutras paragens, não deixavam dúvidas sobre o papel da Academia na produção de conhecimento científico original e inovador. O financiamento externo para a ciência era muito escasso, praticamente nulo em muitas áreas. A internacionalização não fazia parte nem do léxico nem do quotidiano de universidades que, apesar da erudição e do ensino de qualidade, se encontravam fortemente comprometidas com um regime político com opções divergentes das predominantes numa Europa verdadeiramente longínqua. Em vez de serem instrumentos de “modernização” do país, as universidades tendiam a afirmar-se como repositórios de um país conservador e antigo. Nesse contexto pouco dinâmico, pouco inovador, pouco arrojado, Armando de Lacerda distinguiu-se de forma exemplar da imobilidade circundante, nomeadamente ao perceber muito cedo a importância de derrubar fronteiras disciplinares, geográficas, institucionais e mentais para *progre*dir na *construção* de conhecimento novo, válido e validado.

E é dessa sua inteligência ativa e criadora, tenaz e ousada, que nasce na Universidade de Coimbra um laboratório que atrai, como não acontecia

noutras estruturas universitárias de Portugal, os nomes mais importantes da sua área a nível mundial (nas págs. 105 e 107 do livro, bem como noutras passagens, são explicitados, entre outros, os nomes de Göran Hammarström, Francis Millet Rogers, Peter Strevens, David Abercrombie, Bertil Malmberg ou Gunnar Fant, que visitaram e investigaram no Laboratório). É assim que se afirma um laboratório que serve de modelo a outros que se lhe seguiram em vários países do mundo: conforme recordado nas págs. 80 e ss., foi determinante o papel de A. de Lacerda na fundação do Laboratório de Fonética Experimental da Universidade da Bahia, “o primeiro laboratório de Fonética Experimental da América do Sul” (p. 78), dirigido por Nelson Rossi e berço dos primeiros trabalhos de variação dialetal do português do Brasil com recurso a meios laboratoriais (p. 83). É assim que se constrói o laboratório onde se desenvolvem técnicas inovadoras e instrumentos originais, como o “Labiógrafo-Inscritor-Oral de Lacerda” e o “Policromógrafo de Lacerda”, entre outros, recordados (e ilustrados) nos dois primeiros capítulos do livro. É desse laboratório que emanam algumas das mais influentes publicações científicas da área da fonética experimental, como a própria *Revista do Laboratório de Fonética Experimental da Universidade de Coimbra*, especificamente recordada na pág. 103 (e onde publicaram, entre muitos outros, Peter Ladefoged, conforme nos é recordado nas págs. 97 e 103). É, por fim, esse mesmo laboratório que coloca a ciência portuguesa (e também o interesse científico internacional pela língua portuguesa) no circuito dos principais congressos e debates mundiais desta disciplina, conforme documentado, p. ex., nas págs. 37, 53 e ss., 71 e ss.

O livro constitui, ainda, um testemunho de uma faceta fundamental para a compreensão da dimensão de A. de Lacerda: se Lacerda foi, indubitavelmente, um dos melhores foneticistas mundiais do seu tempo, ele foi também – e este contributo é recorrentemente recordado ao longo de todo o livro – um *incentivador*. Não conformado com as limitações do meio, do país, da instituição, Lacerda desenvolveu todos os esforços para obter condições, para angariar apoios, para fazer valer o interesse da cultura científica para o desenvolvimento da sua universidade e do seu país. A clareza e a insistência com que, evocando somente argumentos de natureza académica, expõe às autoridades da Universidade e do Governo razões para a abertura do Laboratório, para a aquisição de equipamentos, para o apoio a iniciativas científicas, para a criação de cadeiras específicas nos cursos da Faculdade de Letras de Coimbra – amplamente documentadas em facsímiles de cartas, ofícios e requerimentos que abundam neste livro – mostram, de facto, o contributo de Lacerda não só para o desenvolvimento da ciência

fonética, mas também para o estabelecimento das condições institucionais e logísticas que deram ao seu laboratório uma projeção e uma qualidade ímpares.

De entre os muitos temas estudados por A. de Lacerda ao longo das décadas em que investigou de Coimbra para o mundo, todos eles contemplados por este livro, cabe aqui uma menção especial – por este ser, talvez, um dos domínios mais injustamente esquecidos da sua obra – aos trabalhos de recolha e análise fonética de amostras dialetais do português (o Arquivo Sonoro dos Falares Regionais Portugueses), a que Quintino Lopes reserva todo o capítulo VI (pp. 115 e ss.). Esta parte do livro dá-nos também a imagem do cientista social, do antropólogo-etnólogo que percorre o país em inúmeras expedições linguísticas, na companhia da esposa, para recolher, além dos materiais de estudo fonético num sentido mais estrito, dados demográficos e imagens fotográficas que ficam como “um olhar social do mundo rural português na década de cinquenta, numa época em que esse campo do saber não dispunha de espaço próprio na academia” (p. 123).

### 3

Após a leitura do livro, ficamos com a certeza do papel verdadeiramente pioneiro do biografado na sua área científica e do contributo que, de Portugal, foi dado para o avanço da fonética experimental a nível mundial entre as décadas de 1930 e 1960. Esta projeção de, no fundo, um homem só, aparentemente periférico, para o mundo, supostamente global, traz-nos à lembrança, inevitavelmente, um outro foneticista português que, do seu autodidatismo em Lisboa nos finais do século XIX, conquistou também a admiração dos maiores nomes da fonética internacional do seu tempo: Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, o autor das primeiras descrições fonéticas completas do português (Viana 1883; 1892). Num contexto institucional e num quadro metodológico diferente do de A. de Lacerda, também Gonçalves Viana, nos seus tempos livres de funcionário da Alfândega, alcançou a admiração dos principais nomes da fonética descritiva europeia do final do século XIX, conforme documentado por uma outra obra de grande interesse para todos os que se interessam pela História da Ciência (e, em particular, da Linguística) em Portugal: o volume *A. R. Gonçalves Viana – Estudos de Fonética Portuguesa*, organizado por L. F. Lindley Cintra e J. A. Peral Ribeiro e publicado, em 1973, pela INCM (Cintra e Ribeiro (Orgs.), 1973). Este livro não só reúne alguns dos principais textos de fonética assinados por Gonçalves Viana, como também quatro estudos

introdutórios que perpetuam o seu legado e o reconhecimento de que foi merecedor junto dos impulsionadores da fonética descritiva e da transcrição fonética no final do século XIX e no início do século XX. De tais textos introdutórios, dois são de autoria dos organizadores do volume; um é escrito por um outro vulto fundamental para o estabelecimento dos estudos linguísticos em Portugal, Joaquim Leite de Vasconcelos, que reúne informações preciosas sobre a correspondência trocada entre Gonçalves Viana e os principais foneticistas europeus coevos, que pediam e respeitavam a sua opinião científica acerca das suas próprias investigações; o quarto, originalmente publicado no *Boletim de Filologia* por ocasião do centenário do nascimento de Gonçalves Viana, é assinado por um admirador e colega de A. de Lacerda frequentemente citado no livro de Quintino Lopes – Francis M. Rogers, que estabelece justamente um paralelo entre as trajetórias brilhantes destes dois pioneiros nos seguintes termos: “It was not until 1936 that Gonçalves Viana’s work was really to fructify, with the founding of the excellent *Laboratório de Fonética Experimental* in the University of Coimbra, under the direction of Dr. Armando de Lacerda” (Rogers 1973: 23).

\*\*\*

A admiração que um vulto como Armando de Lacerda nos inspira será certamente ampliada por esta publicação, cuja leitura interessará não só a foneticistas e linguistas, mas a uma audiência mais vasta composta por todos quantos valorizam o papel da ciência, da investigação e da educação no desenvolvimento do país. Saúde-se, portanto, o contributo do autor e de todos aqueles que, com ele, assim preservam a memória histórica de um dos nomes mais importantes de sempre da ciência portuguesa. E reconheçam-se os méritos da abordagem que não se compagina com os caminhos habituais da biografia “clássica”. “Em tempo de questionar historiograficamente as *grandes biografias hagiográficas*” (Maria de Fátima Nunes, p. 17), em vez da narrativa parcial cronologicamente abordada, o autor deixa ao leitor informações certeiras e o acesso a documentos que adquirem uma voz própria, deixando assim à inteligência crítica de quem lê a responsabilidade de *aprender* e de formar a sua visão do objeto retratado.

## REFERÊNCIAS

- Cintra, L. F. L.; Ribeiro, J. A. P. (Orgs.). 1973. *A. R. Gonçalves Viana – Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: INCM.
- Lopes, Q. 2017a. *A Junta de Educação Nacional (1929/36): Traços de europeização na investigação científica em Portugal*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora.
- Lopes, Q. 2017b. The National Education Board (1929-36) and scientific research in Portugal. *Portuguese Journal of Social Sciences*. 16(1): 71-85.
- Lopes, Q. 2018. Science and Diplomacy: The National Education Board and the League of Nations. Portugal in the 1930s. *e-Journal of Portuguese History*. 16(2): 42-58.
- Lopes, Q.; Pereira, E. J. S. 2022. Science Funding under an Authoritarian Regime: Portugal's National Education Board and the European "Academic Landscape" in the Interwar Period. *Notes and Records of The Royal Society*. 76: 463-483.
- Rogers, F. M. 1973 [1940]. Gonçalves Viana and the Study of Portuguese Phonetics. In: L. F. Lindley Cintra, J. A. P. Ribeiro (Orgs.). 1973. *A. R. Gonçalves Viana – Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: INCM, 67-79. [Originalmente publicado como: Rogers, F. M. 1940. Gonçalves Viana and the Study of Portuguese Phonetics. *Boletim de Filologia*. VII : 17-29.]
- Viana, A. R. F. 1892. *Exposição da pronúncia normal portuguesa, para uso de portugueses e estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Viana, A. R. G. 1883. Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. *Romania*. 12: 29-98. Republicado em: *Boletim de Filologia*. 7 (1941): 161-243.